

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Porantim*

Class.: 23

Data: *Dezembro de 1979*

Pg.: _____

Casa do Índio em Manaus

ÍNDIOS NÃO QUEREM MAIS VIVER NO ANTIGO PROSTÍBULO E FUNAI PROMETE UM MALOCÃO

Narciso Lobo

Três índios - dois Tukano e um Tariano - internados na Casa do Índio, em Manaus, escreveram para o PORANTIM reclamando da demora no tratamento médico e das condições gerais de funcionamento da Casa que já foi um prostíbulo. Ouvimos o delegado regional, Kazuto Kavamoto, o médico, a assistente social e os próprios interessados, e constatamos que a situação dos índios que chegaram a Manaus, para tratamento de saúde - sobretudo de tuberculose - está longe de ser considerada razoável. As condições da Casa são precárias; o Hospital Getúlio Vargas, que atende os índios de Manaus e os indigentes, quase nunca tem vaga, os funcionários da FUNAI nem tiveram qualquer preparo especial para o trabalho que realizam.

Pelo menos uma coisa foi prometida pelo delegado regional: até final de 1980, a FUNAI construirá uma casa nova para os índios, um grande malocão, a 20Km. do centro de Manaus, entre muitas árvores e até mesmo um igarapé. O PORANTIM promete cobrar esta promessa.

O ANTIGO PROSTÍBULO

Vivem em média 70 pessoas. Homens, mulheres e crianças, procedentes dos mais diferentes pontos do Amazonas e pertencentes a diversas nações. A Casa do Índio é pequena para tanta gente. Tem uma parte principal, de alvenaria, que abriga o ambulatório, serviço social, cozinha e salão para refeições. É um prédio velho, de dois andares, quase colado ao asfalto da movimentada avenida Constantino Nery, em frente ao Conjunto "Cidade Jardim".

Nos fundos da Casa, como uma espécie de extensão, dez quartos, um colado no outro, onde são abrigados os casados. São cubículos, construídos na época em que ali funcionava um dos mais conhecidos prostíbulos de Manaus - a "Tia Verônica" ou "TV". Do outro lado do quintal da Casa do Índio moram os solteiros. Uma espécie de barracão, construído na madeira, comprido e sem divisões internas. As crianças estão alojadas no porão do prédio principal.

Nada lembra uma habitação indígena, nenhuma peça de artesanato, nem sequer uma fotografia alusiva à cultura indígena, nada que lembre que ali é uma Casa do Índio, o primeiro habitante do Brasil, dono de culturas e de línguas próprias. Somente a presença de homens, mulheres e crianças morenas, olhos amendoados e cabelos lisos, escorridos, indicam que ali estão povos indígenas, quase todos doentes, portadores sobretudo de tuberculose, fogo selvagem e lepra. Existem também pessoas que não estão doentes mas precisaram vir a Manaus - ou para acompanhar parente enfermo ou para resolver qualquer problema - e no entanto todos vivem juntos, encerrados numa mesma e única falta de perspectiva.

Durante todo o dia os internados na Casa do Índio conversam entre si e circulam pelo quintal de barro seco, cuja vegetação se resume a uma mangueira, alguns coqueiros e mais uma ou duas árvores. Nada que lembre o habitat indígena. Ainda no quintal, o tanque coletivo para que cada um lave suas próprias roupas. Ninguém, em princípio, pode sair da Casa para passeios nas proximidades. Alguns dos internados, considerados "rebeldezes", vez por outra por conta própria, resolvem sair em busca de um igarapé. Mas a condição de índio, marcada pela diferença de língua e, sobretudo, pelo aspecto fisionômico, faz com

que sejam reconhecidos e discriminados.

O local onde vivem os indígenas que chegam a Manaus não é melhor nem pior que uma prisão ou hospital psiquiátrico do Governo, onde as condições de higiene e de assistência são as mais precárias.

O indígena chega a Manaus, para tratamento de saúde e como suas condições físicas gerais são sempre precárias ele precisa de tempo para recuperar-se para ser finalmente submetido a cirurgia, quando é o caso. Pois bem, depois de três, quatro meses, já recuperado da subnutrição, ele ainda tem que esperar igual período de tempo para conseguir leito no Hospital Getúlio Vargas. Daí o desespero que motivou a carta que estamos publicando ao lado.

Pequenos grupos se fofam embaixo das poucas árvores. Alguns falam português e um grande número se estende por meio de suas próprias línguas. Eles reclamam do calor, do isolamento, da demora do tratamento, da pouca comida, das goteiras no telhado. Situada à beira da movimentada avenida Constantino Nery - cercada de conjuntos residenciais de classe média - a Casa do Índio é também atingida pelo barulho dos motores dos carros e das buzinas.

São três horas da tarde. A responsável pela cozinha bate dois pedaços de ferro, um contra o outro, provocando som metálico, imitando sino. Lentamente homens, mulheres e crianças se aproximam. É hora da merenda. Na grande panela tem mingau de banana, que às vezes é substituído por macaxeira, e outras por Ki-suco.

No lugar de canecas ou xícaras, cada um trás na mão sua latinha, já marcada pelo uso. São latas de aveia Quaker, de leite dinamarquês. São servidos pela funcionária e se espalham, em pequenos grupos, pelo terreiro. É cena que se repete quatro vezes por dia. De manhã, por volta das oito horas, tem o café com leite e bolacha. Às nove tem mingau. Meio dia tem o almoço - arroz e macarrão acompanhado de peixe. Merenda às 15 horas e mingau de novo, antes de dormir.

-- Essa alimentação dá pra sustentar? - perguntou Porantim a um Índio.

-- Não. Acho que não -- respondeu com uma ponta de ironia.

O MALOCÃO PROMETIDO

O delegado regional, Kazuto Kavamoto, em conversa com a equipe do Porantim, reconheceu que a atual Casa do Índio não está a altura das reais necessidades dos que ali são internados. A nova Casa já tem local reservado pelo Incra, a pedido da Funai, com área de 340 mil metros quadrados.

A nova Casa do Índio será construída nos moldes das habitações indígenas, a exemplo de uma grande maloca, com divisões internas para enfermarias, ambulatório e dependências. Ao contrário da Casa atual, portadores de doenças contagiosas ficarão separados com a finalidade de evitar propagação, sobretudo da tuberculose.

Kazuto Kavamoto disse que ouviu parecer do antropólogo Célio Horst, que considerou o local viável do ponto de vista do silêncio - que possibilita mais rápida recuperação dos doentes -, da semelhança do habitat indígena e do isolamento da curiosidade turística.

O contrato entre a Funai e os proprietários do imóvel onde ainda funciona a Casa do Índio já terminou e inclusive o prédio já foi vendido à revelia da Funai. A Delegacia, no entanto, só o desocupará depois que construir a casa definitiva.

Na opinião de um antropólogo, ouvido por Porantim, a Delegacia Regional da Funai deveria deixar a cargo dos próprios índios a construção de suas habitações. "Não existe arquitetura branca que se adapte a dos índios, do ponto de vista do conforto e das necessidades".

As casas ou barracos construídos pelo caboclo - sob a influência do nordestino - tem em geral três metros e meio de altura, são cobertos de zinco e conseqüentemente muito quentes. Já as malocas têm em média 15 metros de altura, suas laterais são feitas com cascas de árvores e cobertas com palmeiras - devidamente escolhidas - que duram em média cinco anos.

Na opinião do antropólogo as casas concebidas pelos próprios interessados - as comunidades indígenas - tem vantagens inclusive sob o aspecto da saúde. Nas casas baixas, cobertas de zinco, o fogo que é tradicionalmente acendido no centro da maloca provoca o adensamento do ar, e, a médio prazo, favorece o enfraquecimento dos pulmões e o advento da tuberculose entre os índios.

Também a temperatura do interior das malocas originais não é tão diferente da temperatura exterior. São construídas com cascas de pau - no lugar de toras -, que conseguem filtrar os ventos e equilibrar o clima. As diferenças de temperatura entre interior e exterior favorecem normalmente resfriados e outras doenças pulmonares.

O melhor que a Funai deveria fazer é deixar que cada nação indígena construa sua própria habitação na nova área destinada à Casa do Índio. Eles saberão melhor do que nós o que é bom para eles. A parte de enfermaria, salas, etc. onde ficará o pessoal da Funai, esta sim, poderá ser construída em alvenaria como mandam nossos padrões, finalizou o antropólogo.

O DESPREPARO DA FUNAI

O médico Paulo Rocha Filho leu com atenção a carta que lhe trouxe o repórter do PORANTIM. Nela, dois Tukano: Lourenço Padilha e Laureano Maia e um Tariano, João Batista Mendes, internados na Casa do Índio, reclamavam das condições gerais da Casa e, inclusive, da longa demora nos seus respectivos tratamentos.

Dos três, apenas Lourenço havia entrado no princípio do mês de outubro do corrente. João Batista estava ali desde 12 de maio deste ano. Foram examinados pelo médico na frente do repórter.

Paulo Rocha Filho trabalha há seis meses para a Funai e até hoje não consegue distinguir as diferentes nações indígenas de que são originários seus pacientes. Ele não sabe,

por exemplo, que Lourenço, um dos signatários da carta, é Tukano, sabe apenas que veio de Tapuruquara. E assim vai.

O mesmo acontece com a assistente social da Casa, Carmen Lúcia, formada há cinco anos pela Universidade do Amazonas. Ela contou ao repórter, depois de muita resistência que quando começou a trabalhar na Funai nunca havia tido qualquer contato com a questão indígena.

Na Faculdade eu estudei Antropologia, mas não tinha nada a ver com isso. A Escola não prepara para cuidar de Índio.

Lúcia permanecia intranquilha: "Olha, mano, eu não posso dar entrevista; só quem pode falar é o delegado". Mas não é uma entrevista, explicou o repórter, queremos

saber como é o seu trabalho.

- É totalmente diferente do que faz a assistente social no trabalho com o civilizado, que você aconselha e ele vai lá e faz. Aqui temos que resolver tudo pelo índio porque ele não pode sair. Eles ficam revoltados com a internação, têm problemas de adaptação e você tem que agir com muita cautela, muito amor".

O médico Paulo Rocha Filho, assim como a assistente social Carmen Lúcia, apesar da boa vontade e do esforço pessoal, refletem o descalço da Funai, em nível nacional, para com a formação dos seus quadros. Falta treinamento específico e preparação até mesmo psicológico para o relacionamento com povos de cultura e costumes diversos como são as comunidades indígenas.

